

UM ESTUDO SOBRE RESILIÊNCIA EM PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL DO AGRESTE PERNAMBUCANO

Maria Aparecida Alves da Silva; Ana Lúcia Leal

Universidade Federal de Pernambuco; cidalves20@hotmail.com; Universidade Federal de Pernambuco; analealchaves@yahoo.com.br

Resumo: Este trabalho teve por objetivo pesquisar a postura resiliente dos professores e sua manifestação na prática profissional. Para a coleta de dados utilizamos questionários, observações de aulas e entrevista de autoconfrontação. Seus objetivos foram realizar um estudo teórico, a fim de verificar como os pesquisadores vêm tratando o fenômeno da resiliência na área da Educação e observar de que forma as características resilientes dos professores do Ensino Fundamental 1 se materializavam em suas práticas docentes. Ambas as professoras pesquisadas demonstraram ser necessário trabalhar em sala conteúdos que vão além do puramente pedagógico. Cláudia, a professora com mais características resilientes, destacou a importância desta postura durante a entrevista de autoconfrontação e a demonstrou espontaneamente durante as nossas observações de suas aulas. Percebemos que ela, desde o início da pesquisa, pareceu pouco paciente e de personalidade forte, não medindo esforços para manter a sala sob controle (para que os alunos pudessem se concentrar), ajudando a turma. Uma de suas características marcantes foi a humildade, reconhecendo a inadequação de algumas posturas assumidas e demonstrando disponibilidade em mudar. A outra professora, dotada de características menos resilientes da amostra, Paula, apesar de ter se mostrado inexperiente, também não deixou de enfatizar o processo de ensino-aprendizagem, assim como a interação entre os pares. Em momentos de distrações dos alunos, esteve sempre atenta com a finalidade de trazê-los ao objetivo das aulas, embora algumas vezes não tenha conseguido. Infelizmente, por motivos superiores, não pôde prosseguir participando de nossa pesquisa na etapa da autoconfrontação. É válido salientar que, tanto Cláudia, quanto Paula, não se limitaram a questões técnicas, sempre buscando trabalhar o lado humano dos alunos, mesmo diante das dificuldades e particularidades. E que, assim como ocorrido na pesquisa de doutorado de Leal (2010), as características resilientes das professoras não foram determinantes na assunção de posturas mais eficientes em sala de aula, estando restritas ao âmbito relacional.

Palavras-chaves: Resiliência, Formação Humana, Educação.

INTRODUÇÃO

Observa-se que há acontecimentos que atingem negativamente umas pessoas em detrimento de outras. E que existem pessoas que mesmo diante de dificuldades conseguem encontrar forças para se reerguerem. Sim, elas existem! Diante desta constatação, nos propomos “Investigar a postura resiliente dos professores e sua manifestação na prática profissional”, pesquisa esta desenvolvida no PIBIC/UFPE/CNPq, concluída no ano de 2016.

Para Poletti e Dobbs (2007) há mais de quarenta anos a Psicologia tem se interrogado sobre o fato de que certas pessoas têm a capacidade de superar as piores situações, enquanto outras ficam aprisionadas na infelicidade e na angústia, presos nas teias da tristeza que se abatem sobre elas. Isto se chama resiliência.

Para Poletto e Koller (2008), a resiliência resulta na capacidade do indivíduo enfrentar e superar eventos estressores. O termo foi desenvolvido e utilizado pela Física e Engenharia, pelo então cientista Thomas Young, para mostrar a flexibilidade de alguns materiais ao voltarem a sua forma anterior, sem sofrerem deformação, após passarem por uma força de compressão, pressão ou dilatação (YUNES; SZYMANSKI, 2001). Afirmam, ainda, que os materiais apresentam características resilientes diferentes, ou seja, cada material possui características próprias, o que determina que a força que cada um possa vir a suportar é variável, pois depende de sua resistência. Segundo Leal, Röhr e Acioly-Régnier (2011), este fato é notável no indivíduo, onde o grau de resiliência varia de pessoa para pessoa.

Apesar de se tratar de um conceito que teve origem na Física e Engenharia, nas Ciências Humanas os estudos deste conceito ganham outra interpretação. Yunes e Szymanski (2001) afirmam que, ao se falar de resiliência, alguns ainda a associam à “invencibilidade ou invulnerabilidade” (p. 16). Atrela-se invulnerabilidade a um momento de estresse pelo qual o indivíduo foi submetido e saiu ileso, assim como a “ideia de resistência absoluta ao estresse, de uma característica imutável, como se fôssemos intocáveis e sem limites para suportar o sofrimento” (p. 16). Enquanto isso há estudos que buscam mostrar que o referido termo (resiliência) se associa à capacidade de superar eventos estressores, logo, nada garante que o mesmo irá sair ileso pelos acontecimentos traumáticos.

Quando há carência afetiva e o meio familiar não contribui, a escola “pode constituir uma situação de proteção e de oportunidade de fugir de dificuldades” (POLETTTO; KOLLER, 2008, p. 412). Neste sentido, é importante que, tanto os professores, diante de situações de estresse e adversidades, tomem como alternativa mediadora o diálogo, pois este pode favorecer “o desvelamento de aspectos ocultos da realidade divergente e estimular a criação de novos marcos de referência, novas maneiras e perspectivas de perceber e reagir” (POLETTTO; KOLLER, 2008, p.118). O que Viktor Frankl, em seu livro “*Em busca de sentido*” (1991), refere sobre manter a espinha ereta, mesmo fraquejando e com todos os motivos para desistir. Daí tem-se que, muito mais do que favorecer e/ou estimular o desenvolvimento cognitivo, uma missão efetivamente educacional é quando o educador, em sua inteireza, assume o compromisso com a formação humana de seus educandos.

Yunes e Szymanski (2001) chamam atenção para que as instituições formadoras a reformulem seus conceitos para atuarem de forma efetiva no processo de formação e construção de conhecimentos dos futuros professores. Desse modo, deixarão de ser mais um espaço de reprodução de conhecimentos, promovendo meios para

que os mesmos tenham condições de se confrontarem com as adversidades e dilemas que esta profissão oferece. Precisamos de profissionais mais humanos que tenham empatia pelo próximo, pois acreditamos que estes são ingredientes que contribuem para estímulo do aluno, podendo, inclusive, diminuir a evasão escolar.

Infelizmente, a ausência de funcionários e de material pedagógico que dão apoio à atividade docente, os baixos salários pagos, a estrutura física inadequada de muitas escolas públicas (algumas salas de aula são quentes, pouco iluminadas, situadas em locais inadequados, com faltas de mesas e cadeiras), o número elevado de alunos por sala, são apenas exemplos de situações que ainda precisam ser vencidas e superadas. Ainda assim, há professores que mesmo tomados pela vontade de desistir, frente a tantas situações adversas, ainda assim não desistem, porque “estão realizados deste modo”. Estas pessoas seriam consideradas fortemente resilientes (LEAL, 2010).

Para Leal (2010), na perspectiva da resiliência, a experiência formativa tem como objetivo despertar as potências do humano que habitam em cada um, através de uma visão integral ou multidimensional. A noção de integralidade necessita representar um novo referencial a partir do qual pode emergir um caminho de superação dos problemas da educação na contemporaneidade. Acredita-se que pessoas com características mais resilientes podem mais facilmente vislumbrar uma visão integral do outro, até por viver de modo mais lúcido a sua própria multidimensionalidade.

METODOLOGIA

Inicialmente foi feito um levantamento bibliográfico a respeito da temática central da pesquisa, sendo ela resiliência, depois adentrando para sua relação com a educação, observando, principalmente, como se materializam na atuação prática, as características dos professores selecionados.

Posteriormente foi realizada a aproximação com as Instituições. Após haver a seleção de duas escolas (chamadas de A e B) foi colocado para seus diretores o objetivo do Projeto, as etapas que seriam realizadas, ressaltando a sua contribuição para uma formação mais humana dos profissionais envolvidos, em especial para os selecionados para a segunda etapa da pesquisa. A partir do momento em que foi obtida a autorização dos responsáveis, os professores foram convidados para participarem do Projeto. 16 professores das duas escolas aceitaram participar da pesquisa. Na etapa seguinte foi aplicado

um questionário em todos os docentes com o objetivo de identificar os sujeitos com mais características resilientes, assim como os menos dotados. Ressalta-se que tanto as escolas, quanto os professores participantes não terão jamais as suas identidades reveladas.

Ainda não se dispõe de uma tecnologia mecânica ou computadorizada que consiga medir o grau de resiliência. Tem-se recorrido a instrumentos vinculados à capacidade cognitiva e os questionários estão dentre esses recursos que viabilizam sua mensuração (BARBOSA, 2006). Assim como realizado por Leal (2010), adaptamos um questionário com 28 sentenças, baseados em vários estudos (POLK, 1997; JOB, 2003; BARBOSA, 2006; ASSIS; PESCE; AVANCI, 2006). As possíveis respostas utilizadas como indicadores de resiliência foram: nunca, poucas vezes, quase sempre e sempre.

De acordo com a pontuação obtida no questionário, na etapa seguinte foram selecionados dois professores, um caracterizado como o dotado de características mais resilientes e outro com menos características. Destacamos que a pontuação do questionário variou de zero a três, sendo o valor máximo possível, 84 pontos. Este valor caracterizaria a postura com mais características resilientes. Os níveis de resiliência encontrados se basearam nas faixas apresentadas por Leal (2010, p.67), que foram: *De 0 a 21 pontos: Resiliência Baixa; De 22 a 42 pontos: Resiliência Média-baixa; De 43 a 63 pontos: Resiliência Média-alta e de 64 a 84 pontos: Resiliência Alta.*

O último instrumento utilizado foi a entrevista de autoconfrontação simples. É válido ressaltar, que as atitudes dos professores seriam compreendidas e articuladas com fatos e situações que foram justificadas e jamais analisadas dissociadas de um contexto, como veremos a seguir.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Segundo a análise dos questionários, dos 16 professores participantes, apenas um era do sexo masculino. As séries lecionadas variaram do 1^a ao 5^a ano, com exceção de uma turma do “Acelera”. A Turma do “Acelera” normalmente é considerada muito complicada de trabalhar, pois é composta por alunos fora de faixa, com *déficit*/dificuldade de aprendizagem. O Programa Acelera Brasil foi iniciativa do Instituto Ayrton Senna (IAS) em parceria com (FNDE/MEC) e da Petrobrás e tem por objetivo corrigir o fluxo de repetência em massa, tendo como foco a aceleração da aprendizagem, baseada em uma aprendizagem de qualidade (LALLI, 2000).

Foram selecionadas duas professoras para participarem da terceira etapa da pesquisa (entrevista de autoconfrontação), sendo uma com características mais resilientes e a outra, menos resilientes. A fim de mantermos o sigilo de ambas, as chamaremos, a partir de agora, de Cláudia a mais resiliente e Paula, a com características menos resilientes.

Cláudia, a professora que apresentou o maior índice de resiliência da amostra

Percebemos que Cláudia, desde nosso primeiro encontro (aplicação do questionário), se mostrou um pouco inquieta/apreensiva, mesmo após o comunicado da gestora e da nossa apresentação do projeto. O mesmo ocorreu na 2ª parte da metodologia, durante as observações de suas aulas, apesar de ter gradativamente demonstrado estar mais relaxada e confiante.

A seguir, teceremos alguns comentários sobre a segunda etapa de nossa metodologia, que foi a observação das aulas das professoras. Nosso período de acompanhamento das aulas foi entre os meses de outubro e novembro de 2015, resultando em nove encontros cada.

A turma da professora Cláudia era composta por 27 alunos, com média de 23 por aula, numa faixa etária de 6-7anos de idade. Na 3ª etapa, no momento da entrevista de autoconfrontação, pedimos autorização para gravar o áudio. Posteriormente foi realizada a sua transcrição para as devidas análises.

Em nosso primeiro dia de observação, apesar de acolhidos pela professora, não fomos apresentadas à turma. Após algum tempo, nesta aula, a gestora compareceu a sala e orientou-os a se comportarem, pois estavam com visita (fazendo referência a nossa presença) e ainda afirmou: “mostrem que são inteligentes, educados”. Logo em seguida a professora disse “eita esqueci de falar” e reforçou: “ela está anotando quem está comportado fazendo a tarefa e não está gostando do barulho e da falta de atenção”. Ressaltamos a infelicidade deste comentário, que em nada contribuiu para a obtenção de uma situação natural e espontânea por parte dos alunos.

A seguir apresentaremos alguns recortes¹ que entendemos como úteis para a discussão de nossa temática. Inicialmente destacamos uma situação em que uma aluna, ao entregar um objeto à outra o fez jogando-o. Percebemos que a professora a repreendeu neste momento e perguntamos sobre suas intenções (recorte 1).

Recorte 1 - Cláudia: [...] *eu quis mostrar para ela que ela estava errada [...]. Sempre busco mostrar para eles o seguinte: a gente só oferece para o outro aquilo que a gente quer*

¹ Os recortes das falas serão apresentados em itálicos e nossos comentários em texto comum.

para si [...]. Então, essa maneira dela entregar o material, jogando as coisas, eu fiz isso para que ela pegasse esse livro e entregasse na mão, repensasse: será que ela gostaria que alguém pegasse as coisas dela e entregasse dessa forma? [...] então, são certos fatores que estão aí para se repensar a educação, falta de respeito, entendesse?

Diante de sua abordagem, percebemos que a mesma procurou trabalhar conceitos que vão além dos muros da escola, como a ética e o respeito ao próximo. Como afirmam Silva, Silva e Leal, (2014, p. 2) “A função do professor não está restrita a de mero transmissor de conteúdos”. Sabemos que a missão de ser professor não é fácil, pois as adversidades são constantes e inevitáveis. Como não poderia ser diferente, a professora considerada com posturas mais resilientes passou por momentos difíceis. É válido salientar que a resiliência não é imutável e que os problemas podem inibir e, de certa forma alterar, a sua expressão.

Durante as observações, percebemos situações em que Cláudia esboçou reação de estresse com a turma. Uma delas foi quando se alterou com um aluno devido ao mal estado de conservação de seu caderno (recorte 2).

Recorte 2 - Cláudia: *Eu não estou lembrada desse acontecido, mas se você escreveu é porque aconteceu (rindo). É porque eles são crianças muito acomodadas, eu diria preguiçosas, falta de estímulo por parte da família. Esse compromisso do aluno, essa carga todinha fica sob a responsabilidade do professor, de orientar a criança. Eles são crianças muito desinteressadas, então se o professor não está atento, no final do ano não vai render bons resultados.*

As mudanças que a sociedade vem passando estão se refletindo também na educação, onde o acompanhamento familiar parece ter perdido seu significado, deixando a cargo apenas da escola o resultado do processo educacional de seus filhos, a incumbindo de mais uma atribuição, a educação de valores, que deveria ser assumida pela família.

Foi possível perceber que, durante a confrontação de alguns momentos fortes vividos pela professora em sala de aula (impaciência, estresse), Cláudia, repetidas vezes, aludiu não recordar dos episódios, o que poderia sugerir, de certa forma, uma postura defensiva.

Percebemos a falta de paciência da professora ao ver uma garota fazendo a atividade errada e solicitamos que a mesma comentasse sobre sua frase: “*apague todas as frases, que está tudo errado, você se faz de besta*” (recorte 3).

Recorte 3 - Cláudia: (rindo e afirmando, “*tudo tu anota*”) *Analizando agora o que eu disse, é constrangedor. Acho que teria outra forma de repreendê-la e no momento eu agi de forma, errada, que não é do meu costume. Acho que foi o*

momento que fez com que eu agisse dessa forma, sendo um pouco rude com ela, dizendo que ela estava totalmente errada. Eu poderia ter agido de outra forma: “Oh, não tá certo, vamos fazer melhor, você consegue, vamos melhorar aqui, aqui está faltando uma letrinha”.

Mais uma vez, notamos momentos de impaciência da professora diante das dificuldades dos alunos, ao afirmar: *“você deve ter algum problema, porque não consegue copiar correto!”* e: *“Oh, aluno perturbado”*. Diante do ocorrido, a mesma argumentou, no recorte 4, o seguinte:

Recorte 4 - Cláudia: *(Tanta coisa, meu Deus!) [...] Eu não estou lembrada que falei isso. Mas com certeza são maneiras que constroem os alunos, sim. Infelizmente aconteceu. É a situação, o estresse que às vezes leva a isso. [...] Mas eu acho que seja o momento, o dia, a situação que às vezes leva você a fazer esse tipo de coisa, que depois reflete: “Poxa, não é assim”.*

Ressaltamos que diante das situações apresentadas, Cláudia assumiu com humildade os seus equívocos e refletiu sobre suas posturas. É válido salientar que, apesar de não ter lembrança de alguns episódios, em momento algum questionou os nossos registros. Esse posicionamento está de acordo com as ideias de Leal (2010), quando considera que ser resiliente não significa que o indivíduo esteja isento das dificuldades vivenciadas no dia a dia, pois as adversidades podem alterar esta expressão.

Foi visível a preocupação/cuidado da professora com os assuntos que transcendem o aspecto puramente pedagógico. Podemos ilustrar essa situação no momento em que um garoto pegou uma caneta que estava no chão e não devolveu ao respectivo dono. Nesta ocasião, a professora entrevistou com um comentário que fez o garoto repensar a sua atitude, até devolvê-la. Ela comentou a sua postura no recorte 5.

Recorte 5 - Cláudia: *[...]. A gente não está ali só para ensinar o aluno a ler e a escrever, mas, principalmente, o valor humano, cidadania, então a gente, como professor, tem que estar atento para esse olhar, não deixando essas coisas passarem despercebidas. [...] Nas minhas aulas, no meu dia a dia com eles, sempre quando eu tenho oportunidade, trabalho isso, apesar de serem muito pequenos. [...] É seu? Não. Então, o que não é da gente, a gente não pega.*

De acordo com os relatos das observações, podemos perceber que Cláudia, desde início da pesquisa, se mostrou uma pessoa pouco paciente e de personalidade forte, não medindo esforços para manter a sala sob controle. Ao ser confrontada em alguns recortes de observações selecionados por nós, destacamos a sua sinceridade,

quando assumiu que havia extrapolado com alguma atitude radical, reconhecendo que poderia ter agido diferente e demonstrando humildade em se dispor à mudança.

Paula, a professora que apresentou o menor índice de resiliência da amostra

A segunda professora selecionada a participar das demais etapas da pesquisa, a que apresentou menos características resilientes da amostra, Paula, desde nosso primeiro encontro (aplicação do questionário) até os últimos contatos se mostrou preocupada. A turma a qual Paula ministrou aulas fazia parte de um projeto do Governo Federal, conhecido por “Acelera”. Durante as nossas primeiras observações, a professora demonstrou muito cuidado em lidar com a turma e acreditamos que isso ocorreu a fim de evitar um confronto direto com a mesma. No decorrer desta etapa, pareceu estar ganhando confiança em si e passou a se sentir mais à vontade.

A turma de Paula era composta por 15 alunos, numa faixa etária entre 10-15anos de idade, segundo dados da secretária da própria escola. Em nosso primeiro dia de observação, fomos acolhidas pela professora e convidados a entrar, porém não fomos apresentados à turma. Como era esperado, após algum tempo, os alunos questionaram a nossa presença. Como resposta, a mesma mencionou a atividade de observação como sendo um “trabalho da faculdade”. A turma aceitou a resposta, porém, às vezes foi um pouco complicado, pois alguns alunos ficaram se aproximando repentinamente para ler os escritos da aula. Ao perceber a ação deles, Paula pediu que se retirassem e nos deixassem concluir o trabalho.

Antes de atingirmos a 3ª etapa da pesquisa, na ocasião da entrevista de autoconfrontação, surpreendemo-nos com a notícia de que a professora Paula que não iria mais participar da nossa pesquisa, pois o seu contrato com a prefeitura não havia sido renovado. É válido salientar que todos os participantes, desde o início da pesquisa, tinham conhecimento de uma cláusula presente no Termo de Compromisso Livre e Esclarecido (T.C.L.E.) que assegurava a retirada de sua participação em qualquer etapa da mesma.

A despeito do ocorrido, que independeu de nosso compromisso e investimento, e para honrar o compromisso assumido em nossa pesquisa, decidimos apresentar os recortes principais obtidos em nossas observações, tecendo algumas reflexões e comentários. Neste sentido, informamos que apresentaremos, a seguir, alguns recortes:

Em nosso primeiro dia de observação a turma recebeu a visita da coordenadora da escola. Nesta ocasião, ela fez algumas interrogações junto à

turma, tais como o porquê de dois garotos não estarem participando das atividades propostas e comentou sobre a nova oportunidade que haviam sido contemplados (se referindo ao Programa “Acelera”). Porém, foi notório perceber nas falas dos próprios alunos o preconceito/angústia de quem participa deste programa, ou seja, a concepção dos alunos nos revelou que as pessoas participantes do Programa “Acelera” são vistas como fracassadas e parecem à margem da sociedade.

Como já mencionado, a turma desde início se mostrou difícil de trabalhar. Em conversa informal com Paula, a mesma comentou que no início do ano, em função da rebeldia, por pouco não desistiu de ministrar aula para eles. A mesma aludiu que ainda apresentavam dificuldades, porém, avanços existiam, tais como alunos lendo e escrevendo, fazendo operações, além de interessados em participar das atividades, até mesmo como possível estratégia para sair do programa.

Podemos perceber que em alguns momentos, que Paula apresentava um sentimento de impotência frente às rebeldias dos alunos, como exposto no recorte de 1.

Recorte 1: Dois garotos trocaram pancadas. Ela mandou um deles mudar de lugar e o ameaçou levar para secretaria, mesmo assim ele resistiu e não mudou.

Recorte 2: Um aluno conversou e colocou os pés em cima da mesa para balançar. Diante da atitude do garoto, ela comentou que não adiantava falar com a mãe.

Recorte 3: Logo que cheguei (primeiro dia de observação), me deparei com um aluno deitado em cima da mesa.

É válido salientar, que estas duas últimas cenas, foram por nós constantemente observadas, com os alunos ignorando a intervenção da professora e parando apenas quando desejavam.

Dentre tantas situações delicadas, destacamos as voltadas à área da sexualidade e da agressividade de boa parte da turma (entre eles e até mesmo com a professora). Isso ocorria, sobretudo, quando a professora interferia nos momentos de distrações e de bagunças. Neste sentido, quase tudo era motivo de agressão, seja ela verbal ou física. Acreditamos que a agressividade entre eles e com a professora era tão comum, que mesmo quando não havia motivo, um sempre procurava algo para irritar o outro.

Recorte 4: Um aluno mexia no celular, ao invés de fazer a leitura. O colega ao lado riscou a sua banca e ele lhe deu um murro. Depois ele foi ao banheiro e quando retornou, trocou fortes murros com o colega. O mais incrível foi a professora não perceber toda essa

movimentação (ou ter preferido demonstrar que não estava percebendo), pois estava envolvida em uma atividade de leitura.

Recorte 5: Ofensas e xingamentos são trocados aos gritos entre os alunos.

Podemos considerar que essas cenas foram constantes e até naturais para alguns. Como foi frisado por Paula em suas aulas, acreditamos que seja por eles serem forçados a estudar, visto que a presença em sala de aula era um dos requisitos para a permanência do auxílio Bolsa Família e como requisito para o recebimento de um programa Municipal chamado: “Projeto Renasce uma Esperança²”.

Diante dessa vasta quantidade de adversidade e de provocações vivida diariamente, momentos de desequilíbrio da professora era o esperado, pois ser resiliente não significa ser invulnerável. Notamos momentos em que Paula não mais suportou a postura dos alunos e passou a adotar atitudes mais duras, como gritar constantemente e ser irônica.

Infelizmente, como já mencionado, por motivos superiores a nossa vontade, não foi possível discutir esses recortes com a professora Paula, portanto registramos apenas as nossas impressões. Pelo exposto, podemos dizer que a percebemos tranquila e que se mostrou um pouco inexperiente quanto à função assumida. Diante disto, foi compreensível a postura passiva que adotou em alguns momentos que justificavam uma postura mais enérgica e propositiva.

CONCLUSÃO

Após a análise dos dados das duas professoras (apesar de reconhecermos que nosso estudo foi prejudicado com a desistência de uma das participantes) podemos concluir que Cláudia, apesar de ter demonstrado um perfil mais agressivo, se mostrou paciente em momentos de dúvida, disponibilizando tempo nas aulas para o auxílio dos alunos, assim como se preocupando quanto à aprendizagem dos mesmos. Diante dos recortes das observações em sala de aula apresentados por nós, assumiu, com sinceridade, quando assumiu alguma atitude radical e reconheceu que poderia ter agido de modo mais adequado. Além disso, demonstrou humildade em se dispor à mudança a partir da observação de suas posturas, enquanto professora.

² Devolver cidadania às crianças carentes da cidade é a principal meta do Projeto “Renasce Uma Esperança”. Trata-se de um projeto municipal de uma cidade do Agreste Pernambucano e as crianças participantes são em sua maioria de famílias humildes (CAVALCANTE, 2010).

Paula, a professora com menos características resilientes da amostra, apesar de ter se mostrado inexperiente, também não deixou de enfatizar o processo de ensino-aprendizagem, assim como a interação entre os pares. Nos momentos de distrações dos alunos, esteve sempre atenta, com a finalidade de trazê-los ao objetivo das aulas, embora algumas vezes não tenha tido sucesso.

Boa parte dos alunos se sentia bem no ambiente escolar, em especial os alunos do 1º ano. Acreditamos que, por mais que a professora (Cláudia) deles tenha sido radical com suas normas, apesar de serem crianças, compreendiam o motivo pelo qual estavam sendo cobrados.

Já os alunos do Programa “Acelera”, desde o início, se mostraram difíceis de trabalhar. A rebeldia não tinha limite, embora alguns estivessem realmente interessados em aprender. De modo geral, a concepção dos participantes em relação ao Programa era aversiva, deixando entender que são compreendidos como inferiores aos demais e que estão à margem da sociedade.

É válido salientar, que tanto Cláudia, quanto Paula, não se limitaram a questões técnicas, ou seja, sempre buscaram trabalhar o lado humano dos alunos, mesmo diante de suas dificuldades e particularidades. Por fim, assim como ocorrido na pesquisa de doutorado de Leal (2010), as características resilientes das professoras investigadas não foram determinantes na assunção de posturas mais eficientes em sala de aula, estando restritas ao âmbito relacional.

REFERÊNCIAS

ASSIS, S. G.; PESCE, R. P.; AVANCI, J. Q. *Resiliência: enfatizando a proteção dos adolescentes*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

BARBOSA, G. Índices de resiliência: análise em professores do Ensino Fundamental. In: *I Congresso Internacional de Pedagogia Social*, 2006. Disponível em http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC000000092006000100014&lng=en&nrm=abn. Acesso em: 14 fev. 2009.

CAVALCANTE, M. A. *Panelas Pernambuco.com*. 2010. Disponível em: <<http://www.panelaspernambuco.com/2010/04/projeto-renasce-uma-esperanca.html>>. Acesso em: 15 mar. 2015.

JOB, F. P. P. Resiliência na organização: Estudo de caso da medição e avaliação da resiliência de indivíduos em uma organização industrial. *Rev. Fac. Ciênc. Méd. Sorocaba*. v. 5, n.1, p.33-42, 2003.

LALLI, V. S. O Programa Acelera Brasil. *Em aberto*, Brasília, v. 17, n 71, p. 145-148. Jan. 2000.

LEAL, A. L. G. *Resiliência e formação humana em professores do ensino fundamental I da rede pública municipal - em busca da integralidade*. 2010. Tese (Doutorado em educação)- Centro de educação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE, 2010.

LEAL, A. L. G.; RÖHR, F.; RÉGNIER, N. A. A resiliência e seus efeitos na prática docente. In: *Congresso Nacional de Psicologia Escolar e Educacional*, 2011.

POLETTI, R.; DOBBS, B. *A resiliência: A arte de dar a volta por cima*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

POLETTI, M.; KOLLER, S. H. Contextos ecológicos: promotores de resiliência, fatores de risco e proteção. *Estudos de Psicologia*. Campinas, 2008 [versão eletrônica], 25 (3), 405-416, jul/set.

POLK, L. Toward a middle-range theory of resilience. *Advanced Nursing Science*. Washington, 19, 1-13. 1997.

SILVA, M. A. A.; SILVA, L. B.; LEAL, A. L. A importância da relação humanizada professor-aluno para a superação das dificuldades de aprendizagem. In: *II Encontro Internacional de Educação e Espiritualidade*, 2014, Recife. Desenvolvimento Humano: Sentidos e Práticas Educativas para a Formação do Ser, 2014.

YUNES, M. A. M.; SZYMANSKI, H. Resiliência: noção, conceitos afins e considerações críticas. In: TAVARES, J. (Org.). *Resiliência e Educação*. São Paulo: Cortez, 2001.